

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 746

Data: 22.06.88

Pg.: _____

Cacique reage à intenção da Funai de retirar os arrendatários da reserva

Por CARLOS WAGNER
Enviado Especial/ZH

"Os arrendatários podem ficar tranquilos porque eu os defenderei no peito, se for o caso, contra as perseguições da Funai. Tenho o apoio da minha tribo, para arrendar as terras aos portugueses (brancos), e ninguém vai derrubar esta nossa decisão".

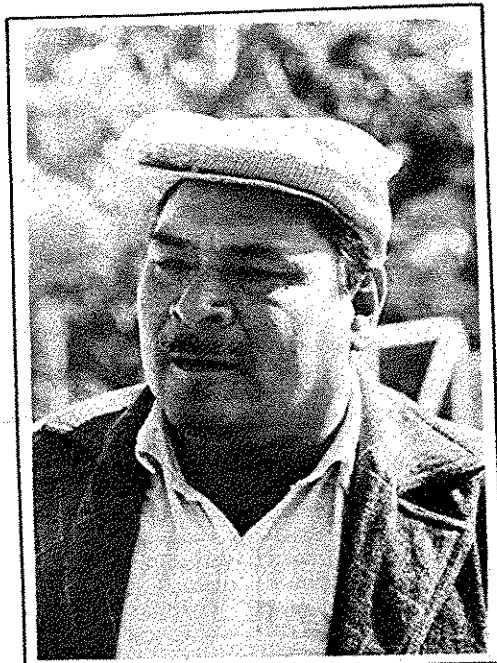
Esta foi a reação do cacique Ivo Ribeiro, da reserva indígena de São João do Irapuá, em Miraguá, quando tomou conhecimento da intenção do superintendente regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Edívio Battistelle, de pedir reintegração de posse, na Justiça, das áreas que estão sendo arrendadas, ilegalmente, pelos índios para os colonos, em Irapuá e na reserva indígena da Guarita, em Tenente Portela, comandada pelo cacique Samuel Claudino. As duas reservas somam 25 mil hectares de solo fértil e muita madeira nobre, onde vivem 2.500 índios.

A reação forte contra a retirada dos arrendatários das áreas indígenas não partiu só do cacique Ivo. Os sindicalistas, políticos, colonos e comerciantes da região também protestaram. Por toda a parte as emissoras de rádio comentaram a decisão do Battistelle, publicada nos jornais da Capital. O motivo para tanta guerra é econômico. Acontece que trabalham nas terras dos índios caingangues, em torno de 500 brancos que produzem, anualmente, mais de 17 mil toneladas de grãos, perfazendo 10% da produção de Tenente Portela e 50% de Miraguá. E também há um número não definido de pessoas que vivem da exploração ilegal da madeira, que pode acabar se houver a suspensão dos arrendamentos.

O cacique Ivo não usou de meias palavras para criticar a Funai. Disse que "ela abandonou o índio, que agora precisa do dinheiro do branco para sobreviver". Foi mais longe: lembrou que "até 78 era a Funai que explorava os arrendamentos, e levava o dinheiro não sei para onde. Eu mesmo, bobinho que era na época, ajudava eles a encherem malas e malas de dinheiro, que nunca vimos a cor". Falou que com o lucro dos arrendamentos construiu escolas e fez outras obras para a sua comunidade. O cacique Samuel foi mais discreto em suas críticas à Funai, alegando ser novo no cargo. Ele assumiu o poder há seis meses, no lugar do ex-cacique Domingos Ribeiro que, em 83, brigou com o cacique Ivo pelo hegemonia nos arrendamentos ilegais e venda clandestina de toras. O resultado desta briga foram cinco mortos, dezenas de feridos e a divisão da tribo em duas.

Exemplo de Nonoai

As lideranças indígenas de Irapuá e da Guarita alertaram que a "Funai não vai fazer aqui o mesmo que fez em Nonoai". Na reserva indígena de Nonoai, há duas sema-



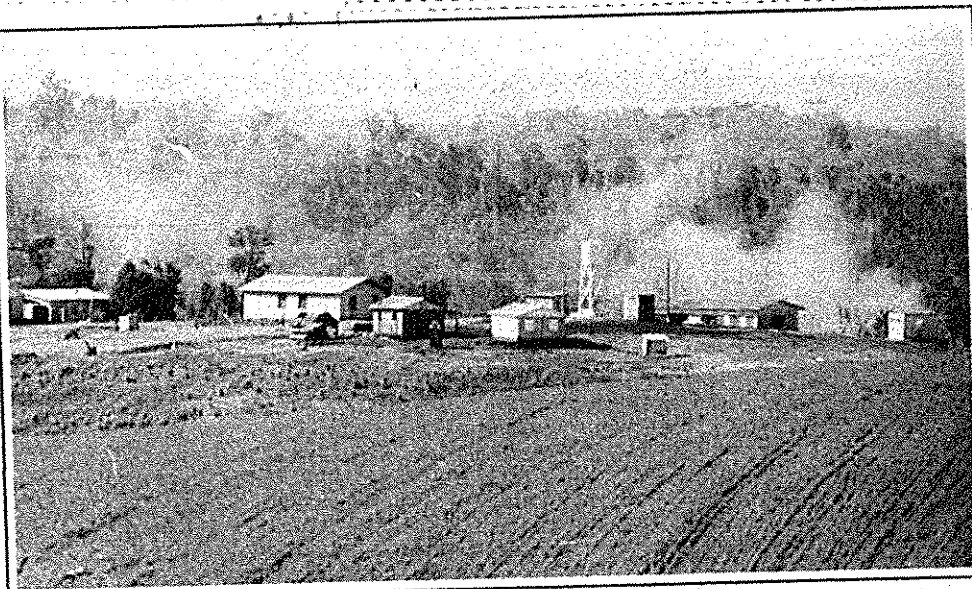
Ivo Ribeiro: "Defenderei com peito"

nas, a Funai mandou a Polícia Federal e a Brigada Militar retirarem os brancos que plantavam clandestinamente na área. Além de prender o equipamento dos agricultores ainda os está processando. O prefeito de Miraguá, Jorge Porolnick dos Santos (PFL), lembrou que "há tempos (1978), quando os brancos (150 mil) foram expulsos da reserva de Nonoai, pela primeira vez, a produção agrícola daquele município caiu em mais de 30%. Aquela vai cair mais de 50%. Vai ser um caos".

Miraguá tem 6.700 habitantes, 55% na zona rural, e nos últimos anos 30% da população abandonou a cidade rumando ao Vale dos Sinos para trabalhar nas fábricas de calçados. O prefeito acredita que este êxodo rural será ampliado se for "proibido trabalhar nas terras dos índios".

Para evitar que se repita em Miraguá o que aconteceu em Nonoai, em 78, o prefeito despachou para Brasília o seu secretário da Agricultura, Malaquias Wagner, e o vereador do PFL Rude Bordt. Na Capital Federal os dois deverão visitar o Ministério do Interior e sede da Funai. O prefeito de Tenente Portela, Odílio Gabriel (PMDB), segundo seu secretário da Administração, João Ben Hur de Almeida, também viajou para Porto Alegre, para tratar do mesmo assunto com o Governo do Estado. Além disto as duas prefeituras estão fazendo contatos com os deputados da região, pedindo a eles que pressionem o Governo federal para suspender a entrada da Funai na Justiça contra os arrendatários. O superintendente regional da Funai não concorda com os arrendatários, na questão da falta de correção dos solos, que leva a terra a ficar fraca. Segundo ele, os

Fotos Marconi de Matos/ZH



Terras da reserva da Guarita, em Tenente Portela, arrendadas ilegalmente.



Placa da Funai proibe acesso à área

"arrendatários querem é ganhar o máximo de dinheiro possível nas costas dos índios, e por isto não corrigem os solos. Daqui a alguns anos, quando a terra não prestar para mais nada, eles viram as costas, e vão embora". O superintendente tem lá suas razões para fazer estas afirmações. Mas, sejam elas quais forem, segundo o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Miraguá, Alencar Júlio Gross, "há um fato muito forte: a incerteza do colono que planta nas reservas. Ele tem uma espada pendurada acima de sua cabeça, presa ao teto por um fio de cabelo. Ela pode desabar a qualquer momento".

Política Malvada

O sindicato tem 2 mil sócios, e 200 vivem do plantio clandestino que fazem nas reservas, pagando 30% aos índios. De uma maneira muito cuidadosa, Gross lembrou que a retirada deste pessoal, pode trazer um sério problema social para o município. afirmou que "eles estão lá, porque a política fundiária brasileira é malvada, causa prejuízos aos pequenos". Lauro Brun, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Tenente Portela, também mostra-se cauteloso para falar das áreas indígenas. Admite que "de uma certa maneira todos nós sabíamos que um dia isto iria explodir".

Hoje a grande pergunta que todos fazem é: "O que há por trás desta vontade súbita da Funai de acabar com os arrendamentos?" O superintendente disse que "é para preservar o patrimônio indígena". Poucos acreditam nisso. E preferem esperar para ver no que vai

dar. Um religioso, que faz trabalho pastoral clandestino, em uma das reservas, lembrou que "há uma diferença enorme, entre o que as chefias da Funai decidem, e o que os funcionários, de menor escala, executam. Isto tem gerado grandes distorções, responsáveis por sérios danos ao patrimônio cultural e material dos índios".

Estratégias para sobreviver

Não existe por parte da Funai a intenção de causar o caos em Tenente Portela e Miraguá, afirmou o superintendente Battistella. A sua estratégia é inibir os arrendamentos através de pressões sobre os arrendatários, feitas via Justiça. Confessou que sabe que irá "enfrentar chumbo grosso". De certa maneira esta estratégia de Battistella, pode ser definida como: "A comida quente se começa a comer pelas bordas do prato". Um velho conselho, que sempre tem dado certo. De parte dos prefeitos, políticos e algumas lideranças sindicais, desta parte do Estado, a estratégia que estão seguindo para frear a retirada dos colonos das áreas indígenas é mais direta. Eles estão indo a Brasília. E se tiverem sucesso, um deles afirmou que Battistella pode perder o seu cargo. É um risco que ele, segundo os seus amigos, está correndo conscientemente. Francisco Eugênio dos Santos, delegado gaúcho da Funai, defende o ponto de vista de que a única maneira de fazer alguma coisa nas reservas é através do confronto direto.

No âmbito interno da tribo o superintendente poderá contar com o apoio do Conselho dos Velhos, que foi desativado pelo cacique Ivo, há algum tempo, mas está agindo na clandestinidade. Este Conselho, antigamente, era o responsável pelas normas morais da tribo. Ele tinha o poder de destituir o cacique. O Conselho sempre foi contra os arrendamentos. Pela análise do pessoal do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o responsável pela situação toda é o Governo Federal, que traçou uma política "danosa às comunidades indígenas". A Funai é apenas a cumpridora da "tal política". E, afirmam que se a Funai tirar os brancos das reservas e não der os meios materiais para os caingangues sobreviverem, os arrendamentos voltarão. Como já aconteceu em vezes anteriores.